

A MISSÃO DA UNIVERSIDADE

José Fernando de Louzada Miranda*

Jovens professores:

Aqui e agora, mais uma vez cruzamos os umbrais da Universidade.

Vocês, no momento em que se preparam para o adeus, e nós, como de hábito, para a permanência do cotidiano profissional.

Transpassamos os portais. Percorremos as alamedas pontilhadas de luz, onde as trevas se debruçam, quietas e calmas.

O silêncio, lá fora, cresce tão recolhido que talvez perceberemos o nascer das flores ou o diálogo finíssimo dos grilos povoando de canções as noites de dezembro.

Mais uma vez, face à face. Mais uma vez, ainda, nós falamos, porque vocês escolheram um simples professor provinciano, o mais simples entre tantos que honram com suas figuras esta casa, o mais avesso a cerimônias, o menos dotado para corresponder à grandeza desta noite. Entendemos, porém, que nesta escolha, decorrência específica da afeição que nos une há tantos anos, vocês homenageiam não o homem, mas o professor que resume, neste instante, todos os professores de nossa Faculdade.

* Discurso de Paraninfo dos formandos em Letras, 15/12/76.

Face a face, mais uma vez nós falamos sem poder entabular as conversas criativas, ouvir os apartes, as perguntas, as preocupações e, sobretudo, as descobertas que realmente arquitetam o espírito de uma sala de aula.

Habitado à classe, procurando elaborar situações de ensino-aprendizagem, tentando partir das unidades didáticas para as uni-

dades de vida, eis-me de repente, não mais perante aos meus alunos, mas aos jovens colegas e demais personalidades que trazem a este salão de atos o brilho da inteligência, a dignidade das presenças e tudo e todos, porque não confessar, perturbam o orador parco de recursos e pobre de coragem.

Falamos para vocês — mas não temos a veleidade de ascultar os seus corações. — Porém, pelo nosso, de uma certa maneira pressintimos o pulsar emocionado de todos os corações que comungam nesta hora o júbilo do término de um curso, mas também a ansiedade pelas realizações a angústia do amanhã que é hoje, a noção da responsabilidade ainda maior no mundo em crise de valores intelectuais e espirituais.

Crise constante. Crise que atravessa a história do homem sobre a terra, porém que se amplia feroz a ranger as engrenagens sofisticadas. Crise que vive em todas as geografias, em todas as esferas da vida social, crise que exige uma resposta pronta, rápida e decisória e ela deverá ser encontrada, é inegável, no âmago do "espírito universitário", na sua ação exterior de convivência para que o ser humano realize melhor a sua humanidade e interior, na forma do aperfeiçoamento da vida.

Uma Universidade não se constrói. Constrói-se. Ergue-se com o tempo, dedicação, trabalho, fidelidade de seu corpo docente e docente em busca da verdade.

O tempo para alicerçar-se a Experiência. Ela se contrapõe aos modernismos céleres às mutações inconseqüentes, às soluções irrefletidas. O tempo — sim, o tempo na sua eternidade, pois à medida em que vocês envelhecerem descobrirão que somente é **moderno o que é eterno**.

A dedicação a um ideal, pois a ausência dele corrompe qualquer casa de ensino e transforma uma universidade em máquina de engendrar diplomados. Formar profissionais é uma das finalidades, mas não a finalidade precípua da Universidade.

O trabalho, constante, honesto, laborioso, vinculado ao estudo. Trabalho que leva à humanização do saber, pois o conhecimento, quer especulativo ou pragmático, deve integrar-se na vida, produzir para a sociedade, oportunizar para o homem, enfim, participar.

Sobretudo, fidelidade. Fidelidade à própria universidade que é uma corporação cultural onde não se consente o individualismo vaidoso, o personalismo fútil, fidelidade à pesquisa da verdade, à preparação dos jovens, à seleção dos mais capazes, à formação adequada dos futuros profissionais e, fidelidade a si próprio na coragem moral de ser, de aceitar, de lutar por suas idéias, de não receber imposições, de não se dobrar às circunstâncias. Fidelidade à verdade e à Ciência, ao espírito universitário que não permite barreiras, que é gerador de uma consciência crítica, que não concede os solilóquios que cria a permuta do conhecimento.

Somente os fiéis a si próprios que poderão ser fiéis a uma causa. Apenas os conscientes do próprio eu é que poderão, sem

vaidades, participar do conjunto, só os livres de preconceitos, de pré-juízos, de radicalismos, somente os internamente livres é que poderão entregar-se totalmente, com, fidelidade ao espírito universitário — e sabemos que mais cedo ou mais tarde eles encontrarão as respostas.

Não participamos da fundação desta Universidade, mas conhecemos que ela é mais um elo da corrente milenar do "espírito universitário".

Sequer temos a pretensão de reformá-la ou reinventá-la, mas simplesmente vivê-la. — Pois viver, per si, é reformar, reinventar, construir, perenizar.

A universidade não é soma, mas síntese — concomitantemente tradicional. Viva, atuante, reformadora, disciplinadora do conhecimento, ordenadora da inteligência, e como narram as mitologias a universidade tem a função análoga a dos deuses: transformar o caos em cosmos, o informe em contorno, a substância em idéia.

Nunca haverá sentido na Educação pela Educação, mas Educação orientada para vida, num humanismo pragmático, num ideal haurido na realidade.

Talvez, vocês estranhem não termos pronunciado nada a respeito daquelas idéias tão enfatizadas nas orações de formatura:

— "Amanhã quando entrardes na vida"...
Vós sois os bandeirantes do porvir...

Não. Não as repetiremos. Por simplicidade de espírito abdicamos há muito anos do uso do pronome vós. Por coerência pessoal, entendemos que o amanhã é hoje, que o futuro é agora e que vocês sempre estiveram na vida e com a vida e que a escola onde estudamos ou trabalhamos é vida, e que não está fora dela, numa latitude elitizante.

Vocês não preparam o futuro, mas são o futuro, como todos nós, e a biografia individual de cada um de vocês é tão importante e significativa como a do aluno do devenir.

Vocês serão responsáveis por vocês próprios. Quem não se faz, nada fará. Quem não lavar o próprio espírito nada possuirá para ofertar. Quem não ser no mundo, estará fora dele. Quem deixou de ser, nunca foi.

Mas a vida, nós sabemos — e sabemos porque não se vive impunemente tantos anos, e sabemos não pelos cabelos brancos, que nada significam, mas pela própria vida, vivida intensamente, a vida não será fácil, jovens professores, porque a vida não é fácil e sempre cobrará o tributo.

Vocês encontrarão o farisaísmo no estudo e no trabalho. Enfrentarão a ditadura dos maus, o reinado de incompetência, os régulos das falsas virtudes, a inflexibilidade dos tolos, a incompreensão dos radicais, as ambições dissimuladas, a omissão dos amigos, os interesses inconfessados, as tradições do cotidiano, a ironia, as

incompreensões, as críticas que poderão destruir, as maldades graútas, os julgamentos precipitados, as injustiças, e mais ainda, a violência contra o espírito dos que se escondem atrás dos estatutos para não assumirem as próprias decisões, os que mascaram as intenções com substantivos e adjetivos nobilitantes — enfim, o microcosmo individual assemelha-se ao mundo: hesitações, omissões, crueldades...

No entanto, a vida não é apenas isto. É mais, deve ser mais. O homem se faz com a grandeza de uma profissão. Uma vocação não é apenas uma carreira, um meio de subsistência, mas uma modalidade de dar à vida e dar-se a ela.

Ser professor é ter-se a existência de renúncia e de ausência de brilho é ter-se humildade de estudar diariamente e aprender para os outros, conhecer para distribuir, plantar na seara alhaia, rejubilar-se com as messes de que não é proprietário.

A qualidade de um professor não é o conhecimento que possui, a informação que transmite, porém, a consciência que desperta.

O aluno é um ser global, ativo e possui uma educação interior, própria, que independe da externa. E o professor deve lembrar-se que o afetivo é a base energética do conhecimento, que a relação professor-aluno, com as ampliações dos direitos e das liberdades individuais colocaram em discussão a autoridade tradicional, será mais exigente e delicada.

O professor não atuará apenas pelo que disser ou como agir, mas por aquilo que ele realmente é.

O bom professor não é apenas professor, mas antes de tudo, um ser humano e além de tudo, um criativo. O ser é por natureza, social. Realiza-se, normalmente, "nem fora, nem acima, nem contra a sociedade", mas nesta mesma sociedade, eis a tarefa do magistério: simultaneamente proporcionar uma educação social e uma formação pessoal.

Mais do que a sistematização didática, o problema maior é o perfil do aluno a quem pretendemos proporcionar as condições do crescimento interior e de integração comunitária.

Que tipo de ser humano almeja o professor a ajudar a construir?

Será este o retrato do homem moderno?:

- certidão de nascimento
- carteira estudantil
- título eleitoral
- carteira de identidade
- C.P.F.
- carteira de motorista
- carteira de associação beneficente
- carteira do clube
- cartão de crédito
- seguro de vida...

Enfim, identidade, retratos 3x4, 2x2, impressão digital, folha corrida, negativos, inscrições, hipotecas, empréstimos, papéis, papéis e papéis!

E o sonho do automóvel. Do apartamento. Do televisor colorido. Da loteria esportiva. Enquanto o sonho não vem, passar por cima das pessoas, magoar, mentir; conseguir; conseguir o cigarro da moda, a roupa da moda, o carro da moda, o tédio da moda. Consumidor compulsivo, manipulado, na aldeia global não há mais lugares para indivíduos. A estrutura não pensa. Aos novos estímulos, velhas respostas?

Viver o amor? Viver espontaneamente? Não. Consumir e ser consumido, cada vez mais depressa, emocionalmente enfermo.

— É para isto que enfrentaremos nossa classe? Bitolar novos consumidores?

É óbvio que não. Precisamos o novo tipo de escola e um novo tipo de professor.

E vocês, jovens formandos, são os novos professores para nova escola, que vocês próprios vão construir porque ela preexiste dentro de cada um de nós, pois as idéias fundamentais que se encontram no cerne das Ciências e os temas básicos que devem formar a vida e a Arte, são tão simples como poderosos.

A noite avança com seus pés de veludo. Aproxima-se o momento do "até-amanhã" professor, quem sabe um "até-volta" ou "até nunca mais". O que é presente agora já é saudade antecipada, recordações bem vinda, passado que não é cinza, mas chama, afeto que não lembra apenas, mas revive.

A noite esval-se, a hora chega e que mais poderíamos dizer a vocês que não dissemos com nosso humilde trabalho ao longo de três anos?

Repetir que cremos fundamentalmente na liberdade, no direito de escolha, na aceitação dos próprios gestos, na responsabilidade pessoal, na profissão escolhida; cremos que o homem nasceu para o bem-estar e alegria, para o respeito, reconhecimento, aprovações, intimidade, ternura cremos que o homem livre nasceu para pertencer a um grupo, que deve viver sem ansiedade e temor com justiça e oportunidades, cremos que o homem não nasceu para a vida insípida e monótona, mas para novas experiências e atividades estimulantes, enfim, cremos que o homem nasceu com o intransferível direito de educar-se, evoluir, crescer, trabalhar, tornar-se pessoa.

Cremos no amor.

E esta crença tem governado nossa existência, povoado nosso trabalho, alegrado nossa vida.

Quem sabe, vocês ainda estranhem não ouvir palavras de gratidão aos pais, maridos, esposas, noivos, noivas, professores...

Aos pais, esposas, maridos... noivas... a gente não agradece, pois o amor não é grato, é amor, que tudo oferece, tudo recebe, tudo exige, tudo nos doa. E nós, os professores, cumprimos com

o dever escolhido e vocês nada nos devem, ao contrário, nós é que somos gratos pela confiança, interesse, e trabalho realizado.

Bem sabemos o que pouco fizemos sem vocês. Reconhecemos as nossas limitações oriundas da condição humana, não ignoramos as falhas das entidades, os senões do sistema mas também sabemos dos esforços de todas e que a nossa tarefa foi realizada com profundo desejo de acertar, de ser útil, de auxiliar a construir, de criar uma consciência...

Por tudo quanto recebi de vocês, muito obrigado. E que durante a vida, nenhum, de vocês transija com a mediocridade. Sejam sempre fiéis a vocês próprios. Não percam nunca o entusiasmo que aquece e a luz interior que ilumina a existência — não meçam o resultado da vida pelos êxitos aparentes das recompensas sociais, todavia, pela certeza de realizarem as próprias crenças.

Como se ouvíssemos a cigarra para o neveio —, uma leve hesitação, um silêncio de expectativa, um cigarro que se acende, um farfalhar de papéis, um aceno, um até amanhã, professores...

Dixit